

A ILLUSTRAÇÃO

DIRECTOR-PROPRIETARIO : MARIANO PINA

PARIS

EDERAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO : 13, QUAI VOLTAIRE

Deligir todos os pedidos de assinaturas e publicos
solos : em Portugal se nr. DAVID CORAZZI, 22, Praça
da Alvalade, Lisboa; e no Brasil, ao sr. JOSE DE
MELLO, 38, rua da Quitanda Rio de JANEIRO.
Preço da assinatura à Paris, 1 franc.

6.º ANNO. — VOLUME VI. — N.º 22

PARIS 20 DE NOVEMBRO DE 1889

Gerente em Portugal e Brasil : DAVID CORAZZI.

RIO DE JANEIRO

JOSÉ DE MELLO, 38, RUA DA QUITANDA.

ASSINATURAS :

ANNO (CÓRTE)	12.000	REIS
DESENTE (CONTE)	6.000	—
ANNO (PROVÍNCIA)	14.000	—
AVULSO	300	—



A MORTE D'EL-REI O SR. D. LUIZ I. — O ENTERRO : — CHEGADA DO CARRO FUNEBRE À IGREJA DE SÃO VICENTE DE FÓRA,

A Exposição de Paris privou-nos algumas vezes da colaboração do nosso director, que era secretário da Comissão portuguesa presidida pelo sr. Conselheiro Manhano de Carvalho. Tendo terminado a exposição, a partir do proximo numero, Mariano Pina recomendará a sua colaboração assídua nas páginas da nossa Ilustração.

A TRAVÉZ DE PARIS

Ultimi verbi. — Augier intimo. — Um infatigável preguiçoso. — Darwin e os parisienses. — O feu o'clock transformation. — Uma theorin que engorda. — O que pode romancistas. — A Luta pela vida. — O struggle-for-life. — O extinguished-of-life. — O tigre e o Myosotis. — Uma boa notícia.

SERIA o momento ou nunca de recitar uma oração fúnebre sobre a pobre *Exposition morta...* Imaginem! Bossuet é sobra por um assumpto d'estes! Que regalo para os amadores de nomes! *L'Exposition se meurt! L'Exposition est morte! Seria soberbo!*

Mas não: não é o tom que convém. Para longe os pregadores luctuosos. A exposição morreu como nascceu, num sorriso, num festa... O sol fez-lhe os mais rares estriphantes funraves. Nunca elle foi mais soberba, mais resplandecente, mais vitoriosa, do que no dia da sua morte. Um cortejo de 500 mil fieis, a população dum vasto metrópole, acompanhou-a à sepultura, clamando-a, abençoando-a. O seu quinz prestar-lhe homenagem extrema, cobrindo-lhe o esquife com o seu mais bello *panno* azul e ouro. Foi um dia indovinável, um dia de junho extraordiário em novembro, tendo a mais os adoraveis tons do outono nas cores das arvores, que nem pinhal saberá nunca reproduzir na sua gama completa. Havia no ar uma vaga saudade, e uma infinita poesia. Sendo-se que alguma coisa degrada la morte, mas que essa morte era necessaria, chegou como um deslumce, se impulso como uma conclusão. Quando o caixão da torre Eiffel soube ultimo instante d'aquelle magnificente agonia, um clamor formidavel saiu de quinhentas mil bocas, enovelou-se nos ares como uma trombonora. Paris saudava a grande morta. *Consumatum erat!* Esperemos que daqui a 10 annos, um clamor mais vibrante ainda, mais triunfante, gritará ao mundo extasiado... *Resurrexit!*

Apezar da sua importante obra literaria, Emílio Augier que a morte arrebustou ha dias era o mais adoravel tipo de preguiçoso que se pode imaginar. Nem quem como elle comprehendeu a delicia de *faz* niente, mas de *faz* niente absoluto, o far niente do lagarto e do lozzarone. De verio, esmirado sobre a relva, ao sol, o chapéu sobre os olhos; de inverno, espapacado na sua enorme poltrona, um cachimbo entre os dentes, os pés à bella chamma crepitante, assim elle passou os melhores dias da sua vida. A gloria, ateaz da qual andu correndo um turbo de esfalfados, de lingua pendente, o peito a estalar, nunca o encontrou n'outra attitude; e era ella quem se dava ao incomumado de subir os trez andares da sua casa da rue de Clichy, todas as vezes que tinha a entregar-lhe alguma bella coreu de loiros e algum obeso saco de luizes tilintantes.

E todavia este preguiçoso escreveu mais de duzentos actos, onde não ha um só que seja mediocre e onde ha muitos que são o que tem produzido de mais saudável, de mais vital, de mais robusto, a Musa do theatro. Qualquer d'essas bellas e solidas comedias, d'um tecido tão cerrado, d'uma logica tão segura, d'umairo nra tão penetrante, escriptas n'uma tão pura e crystallina linguagem, representante da parte d'Augier um esforço de vontade dez vezes superior ao que se poderia imaginar d'un talento tão vigoroso como o d'elle. Era de surpreza, de assalto, que elle violava a inspiração, seguindo-a a força, brutalmente, abançando dias enteros, semanas, meses, engulindo a pressa

um bocado para voltar de novo ao trabalho, com recuso de que um momento de descanso e de inacção abrisse uma brecha à preguiça e a deixasse penetrar, no cerebro vitorioso! Quantu sentiu desfalecer-lhe o animo e o cheiro da tinta ca árvore do papel lhe causavam naseus, embriagava-se com medonhas cachimbadas, envolvendo-se n'uma nuvem de fumo, como um Deus do Olympo; ou absorvia chavens apoz chavens de café que lhe punham os nervosa tilintar; e de novo se traixava àarefa, com uma raiva, com uma ancia de chegar ao fim, que se traduzia em vida, em movimento, em paixão nos personagens das suas peças. Quando a encantadora, a divina paloya de tres lettras, a nossa fada, a ideal amante de todos nós, pequenas e grande, labutadores da ideia, surgia enfim na ultima lírica da ultima pagina, Augier deixava-se cair prostrado na primeira poltronha que lhe aparecesse; e já dali o não arrancavam n'aquellas horas mais proximas. Eram annos longos e adoraveis mezes de ocio profundo, que nem mesmo a leitura dos jornaes perturbava, passeios ao acceso pelas alamedas do seu lindo parque de Croissy, uma vida de vegetal feliz, que n'ore ao sol as folhas preguiçosas e se deixa banhar languidamente de calor e de orvalho. Outrora havia sido um conversador scintillante e vivo; agora nem mesmo suporria a profunda, a esmagadora fadiga de falhar. Em compensação escotava admiravelmente, e o seu olhar penetrante e fino, o sorriso intelligente e bondoso do seu labio revelavam que dentro d'aquelle envelouco um pouco massigo e pesado vivia, agil, inquieta, bulhosa, uma intelligencia avida das mais nobres curiosidades.

Há 14 annos que cessara de escrever; tomara essa resolução em pleno vigor de talento, na manha seguinte ao successo entontecedor dos *Poukoumbihi*. Satisfeita com a sua dobrada mediocridade e com a gloria adquirida, Augier poude enfim pregar deliciosamente na que a morte se lembrava de transformar em descanso definitivo aquelle provisório *farmento*. Foi potem cruel para com elle, a odiosa Megera; fazendo-o agonizar entre tormentos durante quatro longos dias.

Assim se extinguiu dolorosamente um dos escrivores mais perfeitos do nosso tempo, um dos artistas em que mais vigorosamente se tem incarnado o gosto frances, feito de gracia, de elegancia e de clareza.

Meu Deus, como se é sabio em Paris! Quem, à hora outrora ligera do *five o'clock tea*, penetrar em qualquer salão do *faubourg*, ou mesmo do Marais, todo frufrutante de salas, de leques, de risinhos, cis aqui as coisas pendentes e eruditis que sen chamado a ouvir: « *Le transformisme! — La concurrence vitale!* » Mais, ma chère, dejálamark... « *Ton Darwin, Madalena, n'est qu'une bête!* » de parie que tu ne t'as pas lu!... « *Si, si!* » « *Non, non!* » ...

A linda madame B. detesta Darwin ate a execração. Madame de F., uma morena, magra, exaltada, sustenta o transformismo ate à ultima gota do seu sangue, e tem comedevias *Struggle for life*, que elle articula audacissimamente com o *u de berline* e o *i de pantais*. E em torno d'ellas, vinte deliciosas biologas, de catogans loiros, custumbes, ou côr de mogno, a nuance da madeira, encionados de adoraveis chapéus marquise, transparentes, raiados de nervuras como asas de libellulas, tomam com energia o partido d'um ou outro das adversarias. E dizer que ainda ha poucos mezes não se encontrava uma darwinsta que não usasse oculos e não fosse escura e chata como a propria Milic Clemence Ewyer, a traductora do mestre; pois agora, hauas redondas, rechonchudas, como codornizes em desembro; e com covinhas! e reguefias! Emfim, é um progresso. Darwin pode dormir tranquillo no seu tumulo. O transformismo já não precisa de chumago! ■ ■ ■

■ ■ ■ Mas este milagre teve o seu feiticeiro! Fol Daudet quem, a um aceno da sua vara, revelou a evolução natural a Paris estupefacto. Antes d'elle, nem quem sonhava em tal coisa. A *Luta pela vida, e concorrencia vital*, que é que c'era que eu? Exiranho poder o dos homens de talento n'esta terra porque eu móral! Um bello dia Dumas filho, Zola, Daudet, Bourget, de Goncourt, atiram so ar uma bola de sabão, mais fragil, mais tenue do que o cristal mais fino, mas toda irisa de cores, de reflexos, mordorada, lentejoulada, a resplandecer sob o sol que doia; eis Paris, a França, o mundo inteiro, de nasci para o ar, contemplando a maravilha.

Paris é um espetáculo, com a sua boca aberta, o seu ar hypnotizado, a passmacea joia e bon enfant de todo o seu organismo! Não se fala n'outra coisa semelhante na referida boalda sabio. Os sabios explicam-na gravemente, os criticos examinam-na a telescópio, os pregadores fulminam do alto dos pulpitos contra o pecado que ella encerra, os politicos criam-na de illusões na tribuna — mas as mulheres, oh, as mulheres, é uma fascinação, uma febre, uma loucura, almoçam-na, jantam-na, ceiam-na, dormem-na e le resto. Do repente, pôr é a liada bola que estoira e se desfaz em chuva suspeita. Mas já outra liada bola de sabão se eleva no horizonte... e a comedia continua.

Desta vez a liada bola de sabão é a nova comedia de Daudet no *Gymnasio*. Chama-se a *Luta pela vida* e põe em scena o moderno vibrão, *struggling-for-life*, que já figuraava um pouco indecidamente no *Immortal...* E' o combate de hoje, animal admiravelmente organizado, com musculos de aço, estômago de abestruz, dentes de bull-dog, devoralo de appetites e de ambicões, que segue o seu caminho na vida, como o javali abre o seu caminho no matos, a golpes do colmillo, o olhar fio no ponto onde quer chegar. Se um obstáculo se lhe ergue em frentes, derribalo! pela lei do mais forte, ainda que para isso seja necessário um crime. Tanto pior para o débil, é o seu destino que se compre!

O que tem graca é que Darwin nunca escreveu nada de similitante e que os seus preenvididos discípulos o interpretam estupidamente. Mas nem por isso o typo deixou de ser admiravelmente estudiado na inconsciente bestialidade dos seus instintos, tal como elle cresce e pulula na vida contemporânea.

Naturalmente o *struggling-for-life* varia muito com as latitudes e com os climas, consequencia natural da adaptação ao meio (ainda uma lei de Darwin). Na países, como por exemplo a França, em que elle é realmente feroz e terrible; outros em que elle é simplesmente pitoresco. Nesses, o *struggling-for-life*, chegado à edade mercenaria do *pé de gallinha* e do careca incipiente, carregado de honras e de benesses, quasi sempre rico, ás vezes intelligente, mas sempre e infinitamente pretencioso, reforma-se em *desfilado*, e adopta a alcova barbara e la-crymosa de *vainquished-of-life*. Em seguida ao que, se atira a um perdi trufado com tal gana que em breve só a carcassa alveja!

The *vainquished* é pôr o *struggling* dos países mansos. E' o bichano d'aquelle tigre. Em vez de rasgar e morder, selvagem, a preia surprehendida, the *vainquished* arquin o dorso e fait le beau para a galeria. Um crime! Um atentado! Um combate á mão armada com a lei, com a sociedade, com a polícia! Não receiem isso d'elle! The *vainquished* é a melhor farsa n'este mundo, que só pede que a deixem fazer tranquilamente a digestão das suas trufas. Em materia de audacias, elle irá ate o *plastron* de cores vivas e talvez, excitado, ate o monoculo! Mas do monoculo ao crime, a distancia, mercê de Deus, é longa, e o *vainquished-of-life* nunca a transporta!

A peça de Daudet teve um exito extraordinário. E' um prazer ouvível da primeira scena a ultima, um prazer delicado, um prazer nobre, como lhe

disse Jules Lemaître. Impossível resumir aqui um entrelado complicado de mil episódios enteados — basta dizer que nas quatro horas que dura o espectáculo, não há lugar para um momento de fadiga ou de tédio. E já que fallo de Daudet, uma agradável rectificação. Pinelheis ha tempos um Daudet alquebrado, minado por uma doença implacável, pendido já a meio para a sepultura. Havia muito exagero nas informações que me tinham dado. A doença de Daudet é sobretudo nervosa e filha do excesso de trabalho. Alguns meses de descanso, no bello sol da Provença, como se diz na *Traviata*, porão de novo em forme, pronto para o combate da vida, este fino, destro e elegante luctador.

GIESS.



AS NOSSAS GRAVURAS

A MORTE D'EL-REI

Foi Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro o único artista a quem Sua Magestade a Senhora Dona Maria Pia permitiu que visitasse a cámara ardente de Cascais, e tirasse um croquis do cadáver d'El-Rei o sr. D. Luiz I.

E esse croquis do real defunto, em cujo cunhão se vê o retrato da sua irmã a senhora Infanta D. Antonia de Bragança, que a *ILLUSTRAÇÃO* oferece hoje aos seus leitores, como a dernareira e piedade recordação do monarca cuja morte enlutou toda nação portuguesa.

O croquis foi feito em Cascais. Sobre este croquis o moço e distinto artista fez uma bella pagina a nankim, que nós confiámos a uma das primeiras casas de Paris em reproduções châmicas, e que nos fez a delicada e fidelíssima photografia que hoje damos à luz.

Pode-nos afanar de ainda n'esta, como em muitas outras ocasiões, ser a *ILLUSTRAÇÃO* a única revista ilustrada que sabe comunicar ao público de Portugal e do Brasil os mais curiosos e importantes documentos.

Esta pagina de Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro que a *ILLUSTRAÇÃO* hoje publica, ficará como um documento histórico de mais alta importância. Quando se fixar a história ilustrada do reinado do sr. D. Luiz I, a nossa revista será folheada pelos estudiosos; e este desenho do rei morto será observado e reproduzido, como unico e precioso documento de ultima pagina d'esse reinado que acaba de finalizar — de finalizar por uma tão cruel agonia.

A este respeito escreve o nosso querido amigo e illustre exípito Ramalho Ortigão:

Na possoa inviolável de um rei uma agonia tão dilatada e tão longa da morte implacável o aspecto mais tenébrio e mais trágico.

Durante os últimos dias da monarquia, um geral estremecimento de horror vibrou de um extremo ao outro do país, e uma doce onda de commiserção e de simpatia humedeciu todas as almas.

Accreditavam os amigos por o terem lido na Bihlín, que visavam das tribulações supremas da vida aquelas que os eternais compraziam vestidos de roupa branca.

Presentemente em nada se acredita com relação à eternidade, porque a fé acabou. Todavia, por um singular phenomeno regressivo, muitas coisas extintas na convicção ressurgecem, levemente modificadas, no sentimento. Assim alguém afirma que a *tribulatio magna*, de que fala o Apocalipse, e que assinalou no rei finado o último período da sua vida, lhe desse a cauda alva das eleitos da bem-aventurança, mas todo o mundo sente que essa tribulação a pouco e pouco o desvasta da purpura real, que o distinguiu dos demais homens para o respeito d'uma e para a hostilidade d'outros, e o foi todo de branco vestido, como os amigos predilectos do Escorvo, teido no mbo um lyrio de texura, em vez de um scripto de governo ou de um espada de combate, que esse príncipe expôs, aos olhos das imaginações, no sentimento do povo.

A câmara ardente.

Um outro croquis de Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro, e que nós também mandámos reproduzir em Paris pelos modernos processos de photografia, para que conservasse toda a fidelidade do original — é o que representa a câmara ardente na igreja dos Jerónimos, onde esteve exposto ao público o cadáver de S. M. El-Rei o sr. D. Luiz I.

A urna funerária, tendo por topo um grosso crystal, foi collocada na capela mór, sob um doçel, mas collocada com grande inclinação, de forma que mesmo do cruzeiro se via o cadáver d'El-Rei. Tinha vestida a farfa de generalíssimo, e o poito ornado das grá-cruzes e commandas das trez ordens militares de Portugal, collares e commandas da Torre e Espada e da Annunciada, commanda e habito de Hohenzollern, medalhas da expedição de Angola e de ouro de bom serviço e comportamento exemplar.

Velejaram junto da urna funerária, além da corte, oficiais de cujadores 5, bombeiros voluntários d'Ajuda, e alunos da Casa Pia, com tochas acexas.

Chegada do cortejo a S. Vicente.

A gravura que publicamos na primeira pagina da *ILLUSTRAÇÃO*, representa a chegada do carro fúnebre conduzindo o corpo d'El-Rei o sr. D. Luiz I á igreja de São Vicente de Fóra.

Peios poucos apontamentos e photographias que nos chegaram de Lisboa, o nosso colaborador L. Bertheault — o mesmo que nos tem dado tantas paginas admiráveis da Exposição de Paris — pode reconstruir e compôr esta pagina d'um grande efeito e d'uma prodigiosa exactidão, atendendo á exiguidade de documentos que tínhamos em nosso poder.

Apenas terminado o desenho, elle teve a honra de também apparecer na primeira pagina do *Monde Illustré*, o grande jornal parisiense ao qual nos achamos ligados por tantas relações de sympathie e de interesses mutuos.

O prestito fuisse que no dia 26 de outubro findo saiu de igreja dos Jerónimos em direção á igreja de S. Vicente de Fóra, lá organizado do seguinte modo, no que respeita aos coches da casa real:

- 1.º Comitiva dos principes estrangeiros.
 - 2.º Vadeuses das duas Rainhas e conselheiro Nazareth.
 - 3.º Três camaristas e um ajudante do campo.
 - 4.º Mordomo-mór — mestre de sala — Reposteiro-mór.
 - 5.º Embaixadores.
 - 6.º O sr. Infante D. Afonso e dois príncipes.
 - 7.º El-Rei o dois príncipes.
 - 8.º A coroa, levada pelo reposteiro-menor.
 - 9.º Primeiro ajudante de campo, levando a espada, e outro levando o capacete.
 - 10.º Ecclesiasticos.
 - 11.º Coche de respeito.
 - 12.º Corpo d'El-Rei D. Luiz.
- Pegavam ás bordas do caixão:
Mordomo-mór.
Duque de Loulé.
Duque de Palmella.
Marquez de Alvito.
Marquez de Sabugosa.
Marquez de Bellas.
Marquez da Fronteira.
Marquez d'Angeja.

As potencias extrangeiras e os seus chefes políticos fizerm-sa representar no funeral pelos seguintes personagens :

FRANÇA. — Mr. Billot, ministro da Republica em Lisboa; general Voisin, tenente-coronel de engenheiros Toulza, representante especial de Mr. Carnot, e capitão de mar e guerra Courrejolles, sub-chefe do estado maior do ministerio da marinha.

ITALIA. Sr. duque de Aosta, irmão da rainha D. Maria Pia. Accompanham-no os srs.conde Ottobono Radicati do Marmiroto, conde de Carneto e marquez Luserna de Rorá.

HUNGRIA. Sr. duque de Montpensier, pai da sr. condessa de Paris mãe da rainha sr. D. Amelia.

ALEMANHA. General de Versen, ajudante do campo de S. M. o Imperador, acompanhado pelo major de Brandis.

O regimento n.º 20 de infantaria de linha, de que o sr. D. Luiz era coronel honorário, enviou como seus delegados o coronel barão de Luczow, o major Laurer e o primeiro tenente Bloch von Blotewitz.

INGLATERRA. O sr. duque de Edimburgo terceiro filao de S. M. a rainha Victoria, almirante da marinha inglesa.

RUSSIA. Mr. de Fontes, ministro do czar em Portugal.

ESTADOS UNIDOS. Mr. Loring, ministro da Republica em Lisboa.

PAÍSES-BALIOES. Mr. Ruyssenast, ministro em Lisboa.

TURQUIA. Tutan-bey, ministro do sultão em Madrid.

JAPÃO. Visconde Tanaka ministro em Paris.

BRAZIL. Barão de Aguiar de Andrade, ministro em Lisboa.

MEXICO. Sr. Zenil encarregado de negocios em Espanha e Portugal.

BRÉSIL. Ministro beige em Lisboa.

SUECIA. Ministro suco em Lisboa.

A "ILLUSTRAÇÃO" 3 VEZES POR MEZ

AOS NOSSOS LEITORES

Continuamos a receber de todos os pontos de Portugal as mais entusiasticas adhesões á ideia apresentada por varios Assignantes, de que a *ILLUSTRAÇÃO* passe a publicar-se tres vezes por mez.

Todos os dias recebemos dezenas de cartas e de bilhetes postais dos nossos estimaveis Assignantes e Compradores a vulgo, uns adherindo á ideia de se publicar o nosso jornal tres vezes por mez, outros chegando a pedir que a *ILLUSTRAÇÃO* se publique quatro vezes por mez, pedido que nos é immensamente lisonguero, mas que não é facil de realizar, atendendo ao aumento consideravel que teria de se operar na importancia da assignatura, e ao qual não poderia responder um grande numero de bolsas modestas, que de nenhum modo nós queremos sacrificar.

Pensemos sómente na ideia de se publicar o nosso jornal tres vezes por mez. A ideia partiu dalguns srs. Assignantes. Continuamos, pois, a pedir a todos os nossos Leitores que ainda não puderam responder ao nosso convite, que nos digam n'un bilhete postal de 20 reis, assim dirigido:

DIRECTOR DA ILLUSTRAÇÃO

13, Quai Voltaire, 13

FRANCE

Paris.

se querem, ou não, que a *ILLUSTRAÇÃO* passe a publicar-se tres vezes por mez.

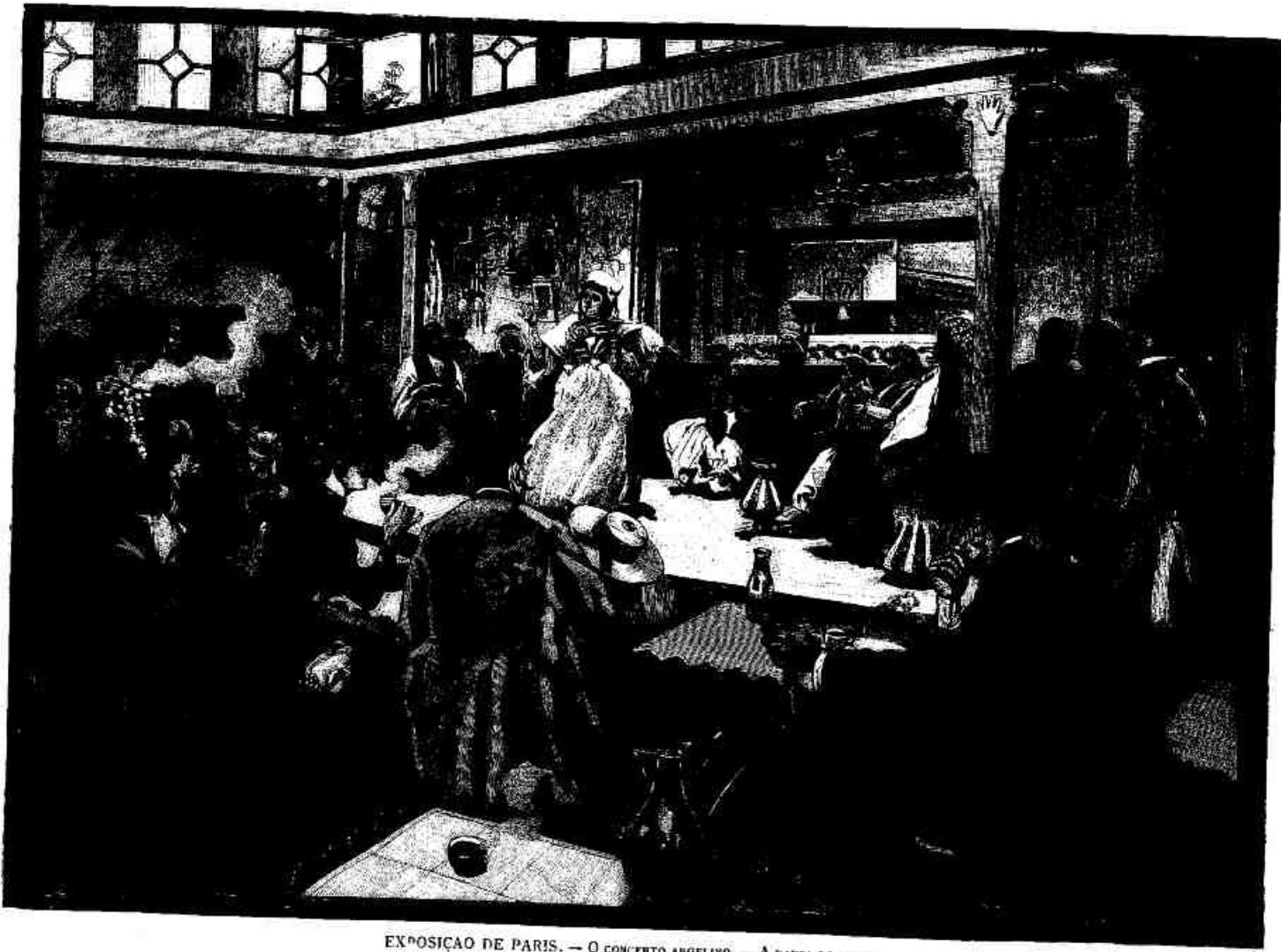
Temos já em nosso poder para cima de duas mil adhesões. Ainda estamos muito longe da maioria absoluta das nossas assignaturas e vêndas avulso.

Equal pedido fazemos aos nossos numerosos assignantes do Brazil.

Sem termos a aduado de todos, ou de quais todes, nenhuma alteração podemos fazer, atendendo a que não devemos de modo algum causar o mais leve incommodo áquelles que nos dispensam a sua sympathia desde a fundação do nosso jornal.

A *ILLUSTRAÇÃO* tem por norma o seguinte: — atender sempre aos interesses e aos desejos do publico que a tem honrado così o seu favor.

Ficamos, pois, á espera de novas adhesões,



EXPOSIÇÃO DE PARIS. — O CONCERTO ARGELIVO. — A DANSA DO SARRE.



A casa de Emilio Augier em Croissy.

NECROLOGIA. — EMILIO AUGIER, falecido em Croissy no dia 25 d'outubro.

Em S. Vicente de Fóra

Um outro croqui do nosso colaborador Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro representa o cruzeiro de S. Vicente de Fóra, durante o liberalismo.

A decoração do templo, que é o painel de desfiles da casa de Bragança, era exuberante.

O altar foi coberto com um rico espaldar de veludo roxo com seteas pretas, bordado a ouro fino com um encerro da mesma fazeção guarnecido de cercaduras, também bordadas, com apanhados seguros pelos anjos que encimam a cúpula da maravilhosa igreja.

O fundo das paredes ao lado do altar-mor era formado de veludo preto com apanhados feitos de galões de ouro, deixando descobertas as figuras de dois anjos allegóricos, que ficam sobre as portas que dão servitudo para o coro, que está na parte traseira da capela.

As paredeas laterais da capela-mor eram igualmente fornidas de veludo preto e roxo bordado e apanhado a ouro.

As duas tribunas tinham sarefes com as bases e coberturas completamente novas, e o rodapé era forrado de boetas pretas com fachas bordadas.

A bandeira do anjo que encima a cúpula da maravilhosa igreja, estava coberta de veludo preto, em prégas, com larga franja dourada.

O docele do presbitério fez guarnecido de alto a baixo com larguras de brocado e veludo bordado. O solo do docele do presbitério estava forrado de Gostas encarnadas.

Ao centro da capela-mor estava levantado a escassa colocado em três degraus e ladeada por torneiros, onde estava colocado a urna que encerra o corpo de Sua Magestade, durante os ofícios.

Além d'essa, estavam colocadas mais duas taremas, uma no centro da igreja em frente da capela de Santíssimo, e outra junto do portal da entrada do templo para se observarem as formalidades prescritas no programa do funeral.

As capelas do cruzeiro estavam igualmente vedadas com espaldares e encerros de veludo, assim como as do corpo da igreja; sendo cobertos com apinhados de veludo formados com galões de ouro e prata e fachas bordadas de ouro, todos os intercolumnios não só do cruzeiro, mas do corpo da igreja.

A balaustrada do coro, assim como em volta da cúpula do interior da igreja, era fornida com painéis de veludo guarnecidos com cercaduras bordadas e apanhados em holso.

As tribunas da capela-mor eram ocupadas: a do lado do evangelho pelos representantes das casas reais estrangeiras, e a do lado da epístola pela família real portuguesa e peças passadas da sua comitiva.

Nas primeiras bancadas da capelamor tomaram assento os bispos e as dignidades do cabido.

No arco do cruzeiro foram armadas duas tribunas para o corpo diplomático e para os altos dignitários da corte.

Em baixo, nas bancadas superiores, tomaram assento do lado do evangelho a municipalidade de Lisboa, e no da epístola a cunharia eclesiástica. Também ali também lugar reservado os membros da imprensa.

Eis o que a Ilustração pode hoje oferecer aos seus leitores, como documentos dos funerais d'El-Rei o sr. D. Luiz I.

Podíamos dar ainda mais: langues, as nossas gravuras. Mas se o não fazemos, é por culpa dos sr. desenhadores portugueses.

Os jornais ilustrados franceses e ingleses recebem diariamente, de todos os pontos do globo, croquis de todos os acontecimentos, sem que precisem andar imprimindo este ou aquello desenhador. E quando não são croquis, são photographias instantâneas. Exquisitez que de Portugal nunca nos recebeu um croqui que não fosse impulsionado de mãos postas! E o Monde Illustré de Paris, que tem feito todos os esforços para ter um correspondente artístico em Portugal, que tem procurado entrar em relações com diferentes artistas portugueses, ainda não encontrou um só que se desse ao trabalho (alias remunerado) de lhe mandar um croqui.

A Ilustração apela hoje para os photographos de profissão e para os photographos amadores que falam photographias instantâneas — para que nos

enviem para Paris provas de todos os solemnidades que tiverem lugar em Portugal. Essas provas ser-lhes-ão remuneradas, o serão recebidas com imenso prazer, servindo-nos para dar maior lustre a assuntos exclusivamente nacionais.



FAC-SIMILE. PÁM. HUMBERT. NA EXPOSIÇÃO DE PARIS.

A Exposição de Paris

Os tristes acontecimentos que acabam de enluutar Portugal obrigaram-nos a não destinar a par de partes varias gravuras n'estes dois números a par de partes varias gravuras da Exposição Universal de Paris — d'esta maravilhosa Exposição que terminou no dia 6 do corrente mês de novembro. Mas apesar da exposição ter fechado, nem por isso os nossos leitores deixarão dir vendo n'os seguintes números da Ilustração, as magnificências e as maravilhas que durante seis meses atraíram a Paris os representantes do mundo inteiro.

Os nossos colaboradores, artistas nem um só dia deixaram de tomar as suas notas para a história completa da Exposição. E os leitores da nossa revista podem ficar certos de que raro foram os jornaes de Europa que apresentaram ao seu público uma série de gravuras como a que nós até hoje temos publicado, e continuaremos publicando.

A nossa gravura da

Danss do sabre

represents um curioso aspecto do concerto anglo-francês do esplêndido dos Invalidos, em plena exposição colonial.

Já mostrámos n'um passado numero a dansa do vento, da rue do Cairo. A dansa do sabre era uma outra curiosidade coreográfica muito apreciada dos estrangeiros e dos parisienses que invadiram a sala do concerto, para admirar estas dansas exóticas e provar o excelente café, bem diferente do café vulgar e aguado que nos servem no boulevard.

O interior do concerto angolino era surpreendente de pitoresco, e o nosso desenhalho imprime ao quadro toda a beleza e todo o exotismo que o original possuia.

Uma deliciosa página é a que representa o aspecto d'uma parte da exposição da escultura francesa.

Sob o zimbório do palacio de Bellas Artes

Ao centro vê-se o original da famosa fonte de Carpeaux, e em volta algumas das mais notáveis esculturas francesas.

A grandes esculturas condiziam ao primitivo andar, em cujas salas se admirava a exposição central dos artistas franceses, essa assombrosa coleção que nunca mais se tornaria a reunir, e onde desfaziam os grandes artistas desde Ingres, David, Ary Scheffer, ant. Bastien Lepage e Meissonnier, passando por Delacroix, Corot, Courbet, Millet, Daubigny, Troyon, Diaz, Dupré, etc., etc.

Uma outra gravura representa

O panorama transatlântico e o pavilhão da Marinha

vistos do Sena.

O panorama, colocado à esquerda do observador, representava a florilégi da Companhia transatlântica entrando no Mavre. Cada espectador achava-se sobre a ponte d'um navio, e o panorama que se desenrolava em torno d'ele era deslumbrante.

No pavilhão da Marinha achava-se uma soberba exposição de aparelhos de salvamento, de signes, de boias, etc., — assim como a redução dos barcos mais conhecidos da marinha de guerra e mercante francesas.

Visto do Sena este aspecto da casas era admirável, continuando os pavilhões na mesma linha do pavilhão português do quai d'Orsay e do palacio dos productos alimentícios.

Uma das cem mil curiosidades d'esta assombrosa Exposição de Paris era

A taverna da Roumania

construção encantadora, com verandas e telhados inclinados que lembravam ao mesmo tempo a asta russa e o castelo medieval.

Este tipo de arquitectura româna era ornado interiormente com fazendas da Roumania, com lojas, com bóbolas, todos vindos das margens do Danúbio, — assim como Rafael Bordalo Pinheiro soube fazer do pavilhão português uma joia de ornamêntação nacional, com os mil objectos caseiros que mandou vir das margens do Douro e Tejo.

Nesta taverna da Roumania tocavam dia e noite os laúdios que tiveram um extraordinário sucesso, deixando a perder de vista os famosos Tziganos de Hungria. E não só os músicos eram filhos da Roumania, mas os criados e criadas, algumas das quais declararam a perder muitos parisienses que ficaram fascinados por tão lindos olhos negros, por tão lindas morenas, capazes de causar inveja a muitas filhas de Sevilha.

Outra curiosidade que muito diversificou os frequentadores da Exposição eram

Os 34 cartões do caminho de ferro

escritos em todas as línguas do universo, e que a administração do caminho de ferro Decauville mandou fixar em todo o percurso da linha, recomendando ao público que não se inclinasse para fora dos wagons por causa das árvores, para assim se evitasse qualquer desastre.

Com a redação d'estes cartões apareceu uma grande dificuldade que se tornou bastante dispensiosa: — as typographies parisienses possuíam o tipo de todas as línguas, mas n'um formato muito pequeno para cartões postais, anúncios, chaves, arquivos, etc. De modo que foi necessário fazer uma fundição especial.

Chegou mesmo a aparecer um cartão em enigma figurado, o que divertiu sobremaneira o público.

No caminho de ferro Decauville circularam seis milhões de pessoas, e só houve um desastre por imprudência d'um passageiro que saltou do trem, enquanto este caminhava a meia velocidade, cahindo e ferindo-se gravemente no encontro a um poste.

E terminaremos hoje este nosso passeio à extinta Exposição de Paris, com o fac-símile d'um bilhete de entrada, do preço d'un franco.

Emilio Augier.

Emilio Augier o autor do Gênero de M. Poirier, de Cigogn, de Mestre Guérin, e de tantas outras peças, acaba de falecer, na idade de 66 anos.

Augier, que ha tempos dera uma queda d'um canto, ficando muito mal molestado, succumbiu às consequências d'esse desastre.

Foi um escritor de lei e um dramaturgo de raça. O teatro contemporâneo deve-lhe algumas obras primas, que dentro em pouco serão clássicas, se não só já, e uma quantidade prodigiosa de peças, dramas e comédias, em que, n'umas mais que noutras, o mestre deixou profundamente e indelevelmente assinatura a sua griffe.

Dissemos, mestre porque assim o consideravam de há muito, mesmo os que, como Sandeau, haviam colaborado com elle, e todos aqueles que, como Sadiou e Dumás, tem o direito de lhe chamar confrade. Inquestionavelmente foi e ficava sendo o mais profundo e vigoroso escritor dramático d'este século. A elle se deve, senão uma remode-

ATTENTION!

PRENEZ GARDE AUX ARBRES

NE SORTEZ NI JAMBES, NI TÊTE

CAUTION!

BEWARE OF THE TREES

PUT OUT NEITHER HEAD NOR LEGS

ANGLAIS

BRAVI GÈNT!

AVÍSAS-VOUS DIS AUBRE

ENOUN PASSÉS DEFORD NI LA CAMBO NI LA YESTO

PROVENCAL

OUELL ET!

DHOUELLET DOH ER HOËT

TENNET AR DRAX HOU DHOUAR HA HOU PHAM

BRETON

ATTENZIONE !

GUARDARSI DAGLI ALBERI

NON SPORGER FUORI NELLE GAMBE NELLA TESTA

ITALIEN

¡OJO!

Cuidado con los Árboles

NO SACAR NI PIERNAS NI CABEZA

ESPAGNOL

ATTENÇÃO !

GUARDAR-SE DAS ARVORES

NÃO ADIANTAR NEM OS PÉS NEM A CABEÇA

PORTUGAL

WAARSCHUWING !

DENK OM DE BOOMEN

HOOFD EN BEENEN BINNEN

HOLLANDAIS

ΠΡΟΣΟΧΗ
ΠΡΟΦΥΛΑΧΘΕΤΕ ΑΠΟ ΤΑ ΔΕΝΔΡΑΜΗΝ ΕΚΘΕΤΕΤΕ ΤΗΝ ΚΕΦΑΛΙΝ ΣΑΣ
ΚΑΙ ΜΗΝ ΑΙΓΚΕΤΕΙΝΕΤΕ
ΤΟΥΣ ΗΩΔΑΣ ΣΑΣ

ΕΠΙΚ ΒΙΒΛΙΟ

GET OICHT

OP 'T BEM :

STRECKT DE KAPP AN 'T BEM MET JERAUS

LUXEMBOURGOOS

OBSERVERA !

AKTA ER FÖR TRÄDEN

STICK EJ UT HUVUDET ELLER BENEN

SVERIGE

OBSERVER

VOGTE SIG FOR TRÆERNE

STRÅLK ØVEREN HØVED ELLER LIDDER UD

NORWEGIEN

OBSERVER !

PAS PAA TRÆERNE

STIK IKKE HØVED ELLER BENUD

DANSK



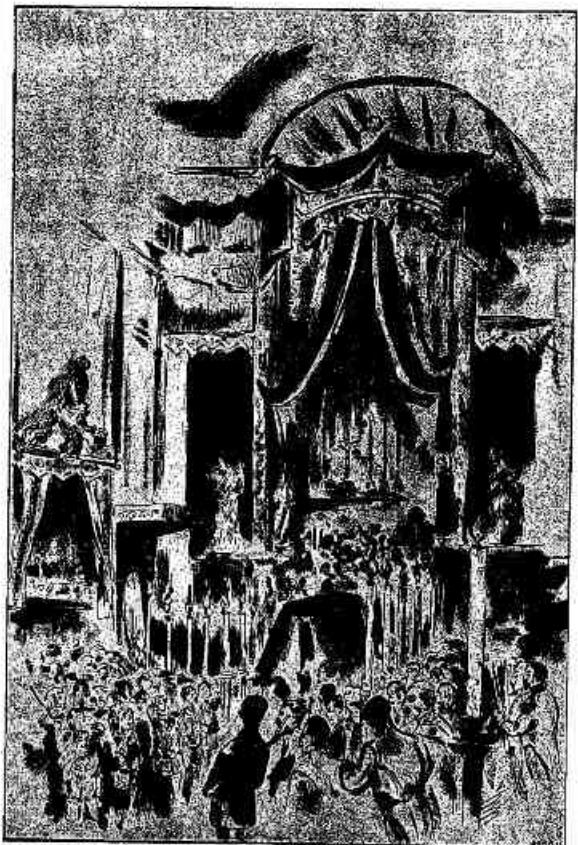
A EXPOSIÇÃO DE PARIS. — See o zimbório do palácio das Belas-Artes.



O CADÁVER D'EL-REI O SR. D. LUIZ I.
Desenho frito do natural por Manuel Gustavo Bordallo Pinheiro.

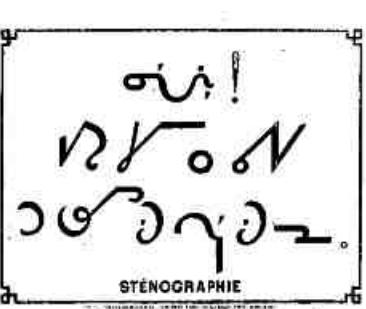
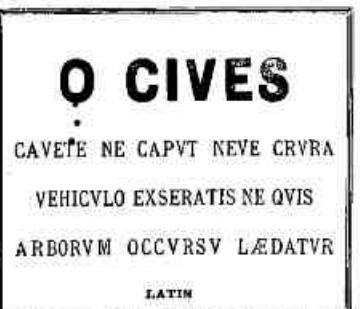
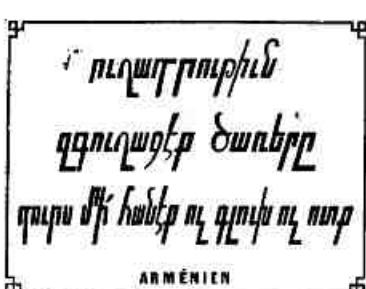
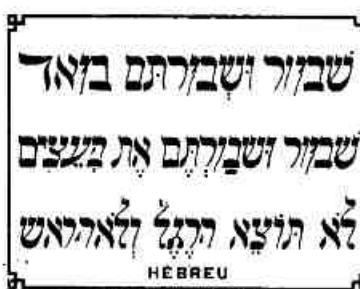


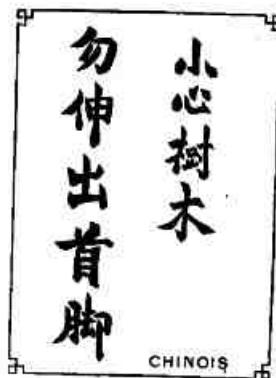
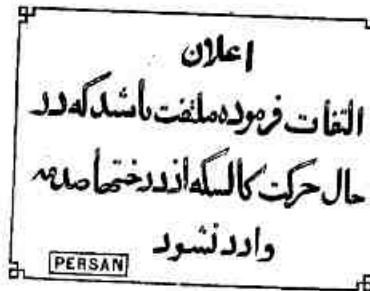
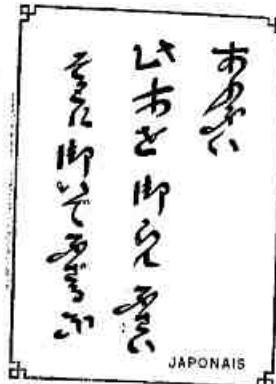
A cerimônia solene no convento dos Jerónimos.



Em S. Vítor. — O Cruzeiro durante o Liberyland.

A MORTE D'EL-REI O SR. D. LUIZ I. — CROQUIS ORIGINAIS DO NOSSO COLABORADOR MANUEL GUSTAVO BORDALLO PINHEIRO.





lajão completa, uma orientação nova na maneira de pensar, de compreender e de escrever para o teatro.

Accusaram-n-o durante algum tempo de liaongear a burguesia, louvando-lhe o panegírico e a apotheose nas suas peças. E' possível que assim fosse. Augier, porém, soube conciliar os preconceitos do seu espírito com as sugestões superiores da sua arte, trazendo as suas obras sobre um plano tão elevado e imprimindo-lhes um tão poderoso cunho de talento, que elas ficaram tal como lhe saíram de pena, para viver a inalterável existência das obras immortais do gênio.

Ao contrário do que sucede com a maior parte dos artistas, a melhor obra de Augier, ou uma das melhores, foi a primeira, a *Cigüe*, que elle escreveu aos vinte e quatro anos, e que, por sinal, o Theatro Français recusou, para admitir depois, espontaneamente, no seu repertório. A *Cigüe*, é, sob a forma d'um elegante pastiche dos costumes antigos, uma lição de moral dada à indiferença egoista e à prematuridade velhica dos rapazes de então, e, escrevendo um crítico, constitui também um retrocesso feliz à comédia de costumes escrita em verso.

A *Aventurière*, escrita há vinte e oito anos, foi o modelo que mais d'um crítico escolheu para acusar o dramaturgo do suposto desejo de exaltar os costumes burgueses.

A sua obra, porém, mais universalmente conhecida, representada nos teatros de todo o mundo e commentada por toda a crítica, é o *Gênero do sr. Poirier*, que Emilio Augier escreveu de colaboração com Júlio Sandeau, e fez representar pela primeira vez no Gymnasio de Paris, em 1855 ou 1856.

Como ninguém ignora, a famosa comédia é uma sátira aos ridículos mesquinhos da burguesia ricaça e às vaidades da aristocracia arruinada, ridículos e vaidade que o eminentíssimo dramaturgo soube pôr em cena com uma verve cómica e um bom humor comparáveis!

Depois d'essa, escreveu muitas outras, no número das quais figura em primeiro lugar a comédia *Les Efronies*, em que Augier adoptou definitivamente o gênero de pintura e de sátira sociais, que iniciaria com o *Gênero do sr. Poirier*.

Les Efronies foram muitíssimo discutidos pela crítica, e tiveram um sucesso ruinoso: era a sátira dos abusos que resultaram da intervenção dos homens do jornalismo contemporâneo.

A primeira representação dos *Efronies* verificou-se em janeiro de 1861, na Comédie Française. Em dezembro de 1864 representava-se no mesmo teatro o *Maitre Guérin*, de que a Comédie fez *reprise*, com um éxito extraordinário, durante a época da exposição.

No espaço de tempo que decorrem entre o apparecimento d'estas obras, Augier desenvolveu uma actividade admirável, contribuindo, como poucos autores, para enriquecer a literatura dramática do seu país e manter o teatro e o público num constante palpitáculo.

Foi extraordinariamente combatido e excepcionalmente respeitado. Barbey d'Aurevilly, que, com o seu habitual espírito de intolerância, não poupoou escritores da estatura do velho Dumas, professava por elle um respeito, que era uma elevada homenagem, citando-o a cada passo, como modelo, aos dramaturgos que fustigava, e lamentando em cada uma das suas críticas, que não o



Os 34 CARTAIS NO CAMINHO FERRO DA Exposição.

seguissem a copiásssem, visto que não podiam aprovar-se do seu gênio.

Emilio Augier fazia parte da academia francesa e era condecorado com a Legião de Honra.

Em França, como no estrangeiro, consideravam-no muito. Logo que se soube do grave estado de Augier, correram a casa do grande dramaturgo as primeiras personalidades das letras, da ciência e da política.

Durante a sua enfermidade, Augier foi sempre acompanhado pelo poeta Paulo Deroulede, de quem era tio.

O grande dramaturgo, morreu na sua villa de Croisy, que habitava durante oito meses em cada ano, e da qual elle próprio fizera o arquitecto. O mestre sabia decerto combinar melhor uma peça de teatro, do que desenhar os planos d'uma casa, porque a sua villa recomendava-se pelas disposições mais extravagantes e pelos ornatos de tons gritantes; o aspecto, contudo, não deixava de ser muito original.

Um longo balcão formando galeria dominava o Sena, e abria-se para o gabinete de trabalho, atulhado de livros e de recordações, e para o salão, onde a vasta canapé circular dava nas vistas pela sua violenta cor vermelha; por toda a parte, em todos os aposentos, enormes vidraças faziam refletir nos espelhos as encantadoras colinas de Bougival e de Marly.

Nessa prisão de luz e de ar é que Augier estava retido há sete meses pelos mais cruéis sofrimentos: a diabetes tinha sucedido uma plebitis, depois uma lenta decomposição do sangue, depois a gangrena.

Treze semanas esteve pregado no seu leito de dor, sem movimento, quasi sem vida, mas conservando, apesar de todos os males, plenas facultades de razão, e agradecendo a cada instante, com uma expressão enternecida, à família que o cercava, para lhe prodigiar os cuidados e occultar-lhe a gravidade do seu estado.

Finalisemos esta notícia com a opinião de Zola acerca de Augier:

Dos mestres actuais da nossa cena francesa, Augier é aquele cujo esforço foi mais regular e mais constante.

E' conveniente recordar os ataques com que os românticos o perseguiram: chamavam-n'lo, o 'poeta do bom senso.'

A verdade é que Augier incomodava os românticos, que viam n'ele um adversário terrível, um auctor dramático que seguia a tradição francesa, passando por sobre a insurreição de 1830,

Nas suas mãos, a nova formula aumentava em valor: a observação exacta, a vida real posta em scone, a pictura da nossa sociedade n'uma linguagem sabia e correcta.

A minha convicção foi sempre da que o nosso teatro de amanhã teria apenas o desenvolvimento da formula clássica, adaptada ao nosso meio social.

DESTINOS POLÍTICOS DO BRAZIL

No momento actual são muitas as questões discutidas na política do Brasil. Todas se resumem e se entrelaçam nos dois pontos simultâneos d'esta dupla interrogação: Continuará a existir a monarquia? Continuará a existir unido o Brasil?

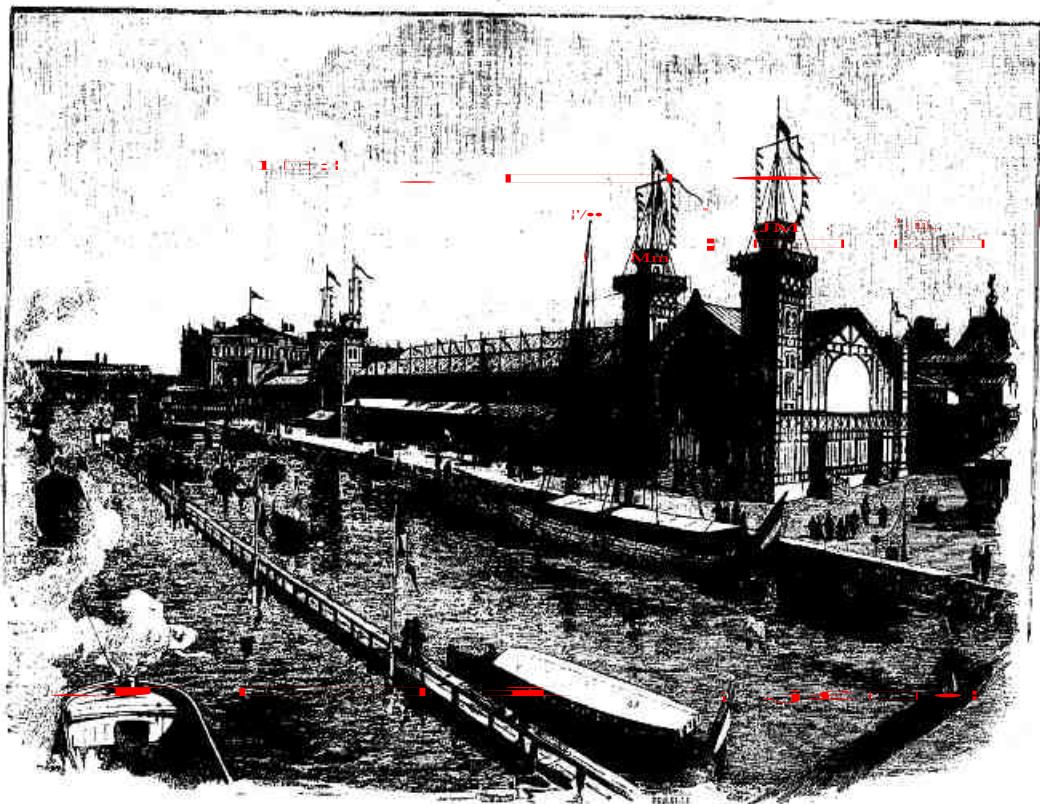
Estas duas interrogações exprimem n'aquele paiz a questão republicana e a questão federativa. Elas não podem ser separadas, porque ambas revelam a dúvida em que parecem postas a forma do governo e a unidade da nação. A república e a fragmentação do paiz, não, aos olhos de uns, hipóteses inseparáveis, ligadas como o efecto está ligado à causa; dizer monarquia, na opinião de outros, é dizer unidade nacional.

Dai um debate apaixonado acompanhando os incidentes diários de uma crise grave, fatal mesmo, se a inconsistência do moderno carácter latino, em terra tropical, não desse garantia de que, por qualquer modo, com uma solução qualquer, ou talvez sem ella, tudo acabará em completa calma, por falta de persistência nervosa na massa da população brasileira. N'uma raça em que as impressões são tão promptas quanto superfícies, embora as reacções sejam tão lentas, como na raça brasileira, esse momento é muito breve. O dilettante o psychologo não tem tempo a perder para observar o organismo em crise, recolher os antecedentes, registrar os simptomas e então exercer a mais tentadora faculdade do espírito, a de ir ao encontro do futuro, a de tentar satisfazer a tão natural impaciência do conhecimento do que vai haver amanhã, depois, e ainda mais tarde. Prognosticando

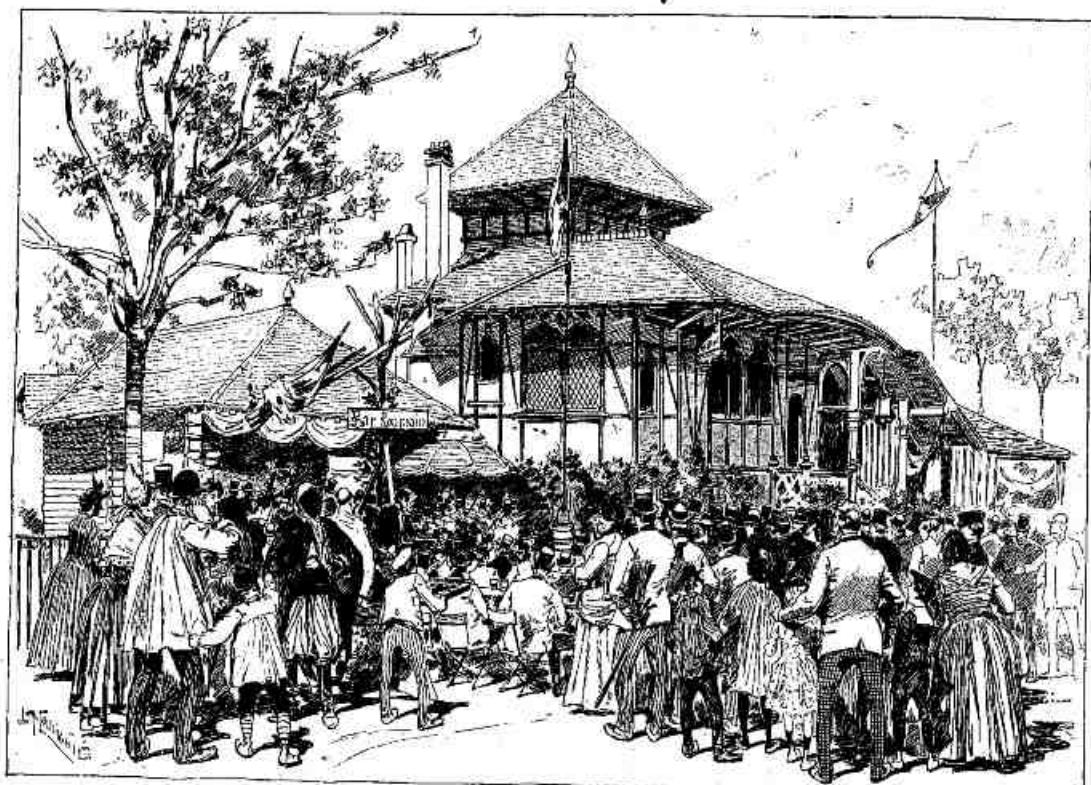
(*) No 4.º numero da *Revista de Portugal* dirigida por Eça de Queiroz apareceu um trabalho notabilíssimo do escritor brasileiro sr. Eduardo Prado, tórica dos *Destinos políticos do Brasil*.

Este curioso quadro da política brasileira, d'uma critica tão fina, tão cerrada e ao mesmo tempo tão cheia de pittoresco, vai certamente levantar grande discussão na imprensa do Império, pela crueza da analise e pela frieza das observações. O que é porém indiscutível, é que o sr. Eduardo Prado se nos revela como um crítico e como um escritor de primeira ordem, manejando na perfeição a língua portuguesa, e encontrando nos bicos da sua pena observações e expressões que denotam um verdadeiro homem de letras.

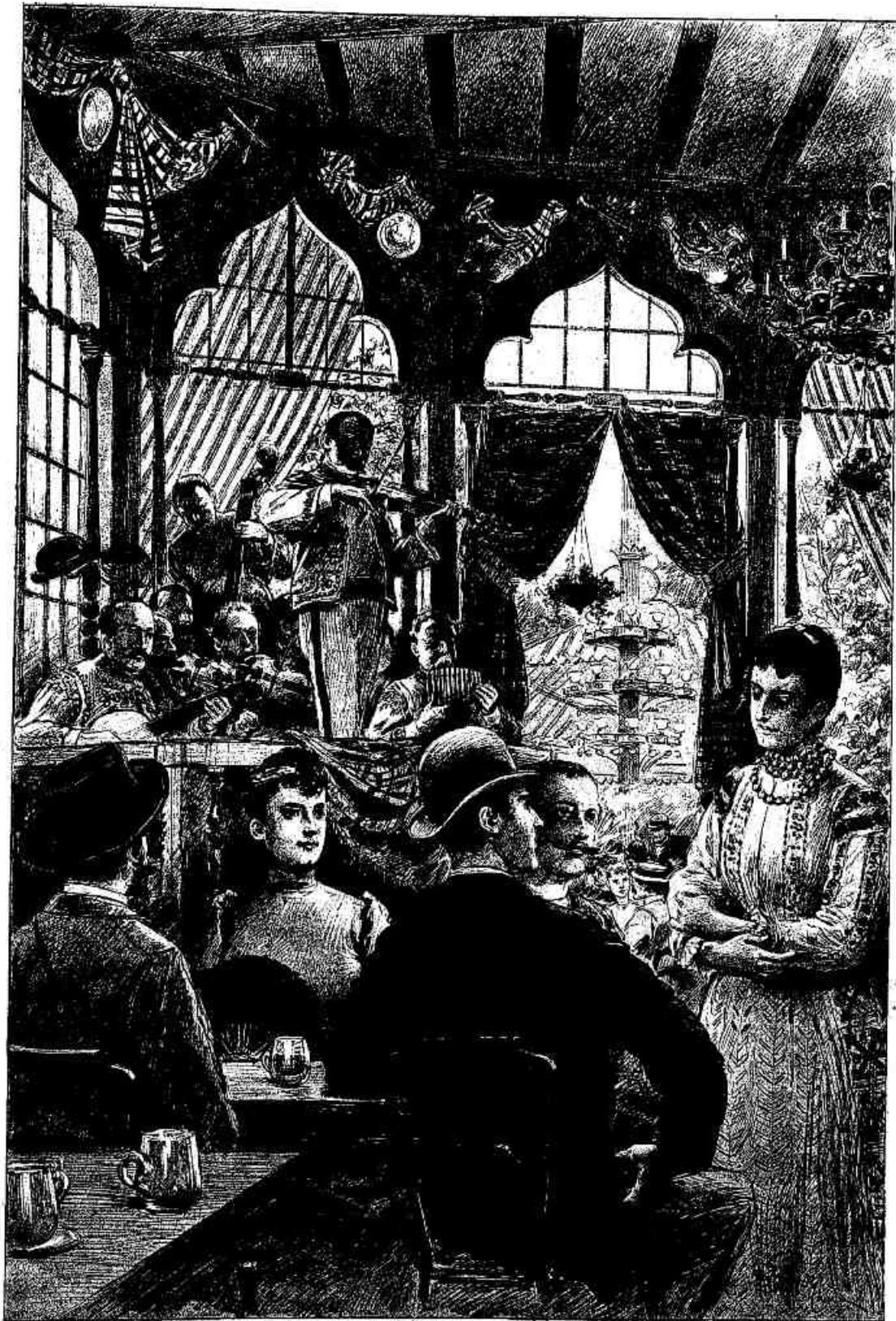
Eis porque pedimos licença à *Revista de Portugal* para transcrever nas páginas da *ILLUSTRATION* uma parte do notável estudo do sr. Eduardo Prado.



EXPOSIÇÃO DE PARIS. — O panteão da Companhia Transatlântica e o pavilhão da Marinha.



EXPOSIÇÃO DE PARIS. — A TAVERA DA ROMARIA.



EXPOSIÇÃO DE PARIS. — OS MUSICOS « LAUTARS » NA TAVERNA DA ROUMANIA.

car é tanto ofício de medico, como prozer de todos; o quem não é um pouco medico n'este mundo?

No caso do Brazil, a psychologia social é obscura e por isso interessante. Dizer o pensamento nacional é querer talvez entrar nos domínios da advinhança, a menos que, desnorteado com as pretendidas contrarrias expressões d'esse pensamento, o observador não comece por negar, no cerebro do paiz, a existencia de todo e qualquer pensamento. Se admitirmos que as questões mais graves são as mais discutidas, veremos no Brazil, nas phrases ditas e escritas, dois vocabulos mais repetidos do que os outros; são elles: república e federação. As phrases acompanham actos de verdadeira agitação. Até que ponto exprimem as palavras da imprensa e os concetos dos politicos a verdade das coisas brasileiras no presente? Estão com efeito iminentes as mudanças que uns pregoam e annunciam e outros temem e reprovam?

Estas perguntas ficarão talvez respondidas para quem conseguir avaliar as forças activas de destruição e as forças resistentes de conservação da sociedade brasileira actual, e para quem poderá verificar se elle tem, não só vitalidade imanente e suficiente para conservar-se, como também energia bastante para progredir.

A idea republicana é a forma mais apparente das tendencias que chamaremos destrutivas, ou antes, é a idea que, por necessidade de momento, resume em si todas as ideas de destruição. Para estudar é preciso conhecer os seus partidários, e estudar o seu fundamento na logica da historia brasileira.

Ha mais de sessenta annos o Brazil recebeu um sistema de governo complexo e adiantado, ao qual não se havia o paiz moldado pela adaptação lenta do seu desenvolvimento historico. Este é o facto culminante da existencia política do Brazil, a anomalia inicial a que se prendem, mais ou menos todas as inconsequências da vida politica da nação. Desde a independencia houve imensa desproporção entre o estado da civilização nacional e as aperfeiçoadas instituições dadas ao paiz. Enquanto o papel dos europeus d'aquelle tempo era o de crear governos bastante liberais para a civilização do povo, na America do Sul, a missão quasi impossivel dos directores das novas sociedades politicas, foi a de crear povos na altura das instituições livres, organizadas de propósito e applicadas na occasião.

Quem estudar a historia do Brazil independentemente verá a desproporção entre a civilização real do paiz e o adiantamento das suas instituições originando um desequilíbrio sensível ainda hoje. Os algorismos demonstram que nenhum paiz dotado de um governo livre apresenta tão grande numero de qualidades moralmente negativas quantos são no Brazil os analfabetos, os rústicos isolados no interior e os representantes das raças inferiores: ainda não extintas ou annulladas pela absorção na raga civilizada. Uma prova mais forte do que a das estatísticas temos no facto de não ter sido a sociedade brasileira a que por mais tempo foi compatível com a escravidão, só por ultimo abolida há apenas um anno. Por mais terreno que a civilização possa ter ganho no Imperio, não se pôde pretender seriamente que o seu desenvolvimento tenha sido tal que o Brazil não possa mais suportar a monarquia constitucional representativa e sintase hoje encanhado dentro de uma forma de governo com a qual se contenta a alta cultura de tantos povos. E isto com tudo o que pretende a opinião publica brasileira.

Sustenta esta opinião que a república é o regimen unico compatível com o grau maximo da civilização de um povo. A existencia das monarquias do velho mundo não é levada em conta e a Inglaterra, a Alemanha, o resto da Europa com excepção da França actual e da

Suisca são talvez nações de civilização inferior. Dizem mais os republicanos brasileiros que o seu paiz, fazendo parte d'um continente politicamente dividido em muitas repúblicas, deve adoptar a forma republicana. É uma teoria de pura symetria geographică applicada às instituições. Adopta-la ella no velho mundo, veríamos Suíses reclamando a monarquia, a bem da uniformidade continental. Esse espírito de uniformização política em vista d'um accidente geographică, esquece que os brasileiros, distinguindo-se dos outros americanos ingleses e espanhóis, na origem e na lingua, bem podem também distinguir-se d'elles pelo modo de governo. A leitura de todos os manifestos, circulares, discursos e outros documentos republicanos brasileiros não revela outras razões allegadas. Todas resumem-se nos argumentos da república, fórma adantada de governo e na americanização do paiz; nenhuma outra idéa descobre-se no estado da agitação republicana.

O povo é estranho ao movimento e se elle vier a agitar-se, é de temer que seja d'um desvario inconsciente. Esta inacção, esta não interferência do povo verdadeiro, das grandes camadas da população brasileira nos acontecimentos publicos é sempre observada. Um pintor brasileiro, Pedro Americo, no seu grande quadro *A Proclamação da Independência do Brazil*, retratou o facto com toda a verdade e toda a philosophia. Vê-se n'esse pintura o Príncipe Regente, a cavalo, de espada desembainhada, cercado da sua guarda de honra, dos gentis-homens da sua cámara, de varios capitães-mores e de officiaes de ordenanças. Os couraceiros, os officiaes, os da corte brandem as espadas ou agitam os chapéus e no quadro ha a vida admirável d'aquelle momento historico. A um canto, um homem do cér, guiando um carro, arreia os seus bois da estrada e olha admirado para o grupo militar; ao longe, destacando-se no fundo illuminado d'uma tarde que cue sobre a paisagem melancólica, um homem do campo, um cespírito, retém o passo à cavalgadura e voltando tranquilamente o rosto vê, de longe, a cena que não comprehende. Esses dois homens são o povo brasileiro, o povo real, a maioria da população que não participou da Independência e muito menos tomou parte na agitação republicana promovida em nome d'elle.

O que se está chamando no Brazil o movimento republicano é um movimento de descontentes, todos formando minoria na classe dos privilegiados possuidores da terra ou dos individuos a quem couberam parcelhas de instrução superior — homens feudais ou homens de pena — collocados acima do pobre e do illerado. O descontente político é mais vezes um mau fermento nas sociedades do que um factor de progresso ou um operário de regeneração. Nos paizes quentes e sem uma elevada organização moral, é um bilsioso não retraido pela educação, sem a nobre faculdade de respeitar, degradado na selvageria de linguagem que lhe faltam músculos para manifestações mais viris d'uma coragem em que não foi criado. A organização social brasileira, baseada na escravidão, a incompleta e artificial apparencia de educação que a classe dirigente pôde receber, multiplicaram no paiz o numero dos desclassificados de todo o gênero, descontentes por fatalidade, entre os quais figura em primeira linha o bacharel, quasi sempre verboso, sabendo mais ou menos umas regras abstratas, ignorando o resto, porter, sem educação e de má saude.

Os bachareis constituem quasi que exclusivamente a classe dos politicos. ora a politica vem a ser, em toda a parte, mais ou menos, a arte de ganhar eleições e de obter empregos. No Brazil, o custo agrava-se porque a deficiente organização social e económica não dá as actividades as ocasiões de sucesso normalmente possíveis no commercio, nas industrias e nas artes. D'ahi resulta a procura de empregos públicos, angematando sempre, e os assumptos referentes ao

Estado, isto é, eleições, cargos, etc., etc., justo objecto da atenção de todos os cidadãos, mas não negocío de classe alguma, transformados no fato único, no meio de vida da grande maioria dos brasileiros sobendo ler e escrever, divididos em dois partidos, o dos que estão nos empregos e o dos que estão fora d'elles, como se diz nos Estados Unidos, os *in* e os *out*. Este sistema pôde funcionar sem grandes riscos, commentado apenas pelas lamentações dos idealistas, reprobrando nos partidos a sua falta de principios, ao passo que estes, de acordo com a civilização da sociedade de que são naturaes representantes, não desempenhando alternadamente a missão de governar o paiz e de provêr-lhe as necessidades successivas. Não acontece porém assim no Brazil, onde até hoje, desde a adopção das formulas do sistema parlamentar representativo, nenhum partido conseguiu o poder ganhando uma eleição. Em todos os outros paizes da América, com exceção do Canadá e dos Estados Unidos, onde alias dois chefes d'estado foram assassinados em um instânto pela fraude, pôde-se dizer que acontece o mesmo. Em todas as republicas hispanholas, até hoje, nenhum partido ainda obteve o poder pelo voto eleitoral. O partido no governo ainda não foi suplantado senão por meio de uma revolução.

Como cahem e sobem os partidos no Brazil? Não é pela derrota ou pela vitória eleitoral, e quarenta e tantos annos de continuo paz interna mostram que não é tambem pela violencia das revoluções. Nos paizes em que o ganhar uma eleição geral é para o vencedor a conquista do poder, o vencido não tem de quem se queixar; não lhe resta senão appellar pacificamente do povo para o povo melhor informado, na primeira eleição futura. Nos paizes americanos onde a sorte das revoluções decide o poder, os vencidos de hoje, aniquilados, não perturbam o paiz ou, contidos pela força, esperam o ensejo de uma revolução quo os façam vencedores amanhã. No Brazil, o sistema é mais simples. O Imperador designa o partido que tem de estar a governar o paiz até o mesmo Imperador dar de novo esse agradável encargo ao partido adverso. Até hoje, apesar das leis eleitorais as mais livres, de todos os protestos dos patriotas, ainda não foi possível a vitória eleitoral da oposição, ás vezes até completamente excluída da cámara dos deputados. A força das coisas e a fraqueza dos homens, mais do que a vontade do soberano, entregaram ao Imperador a missão singular e perigosa de fazer de opinião publica, desde que esta não existe ou não se pôde manifestar nas eleições. Esta anomalia persistente desde o começo do longo reinado do Senhor D. Pedro II, tem poupado ao paiz as revoluções que pôdem ser crises passageiras de organismos jovens e sãos, mas em vez d'ellas, no meio da tranquilidade brasileira, tem originado males, nos lutentes e outros visíveis, comparáveis ás feridas pallidas, sem dôr, nunca cicatrizada, porque se alimentam de carnes profundas.

Os partidos estão convencidos da inutilidade de todos os seus esforços pela conquista do poder, se em socorro d'elles não vier a intervenção imperial. D'ahi resultam a fraqueza das oposições, a insolencia dos governos e a situação falsa e desmoralizada dos chefes politicos, dependendo directamente, não do corpo eleitoral, mas do Imperador, eixo unico do Estado, em torno do qual gira toda a máquina da vasta monarquia brasileira.

Esta tem sido a força e a fraqueza do governo monárquico no Brazil. Nos primeiros tempos do Imperio o fato era inevitável. A venitura do Brazil tendo por monarca um homem bom, contribuiu muito para a felicidade da nação. O mal está em não se haver o povo educado na época propriá, está no habito contraiido. O que podia ser tolerado como uma exceção temporaria no sistema de governo, tornou-se a essencia do

LE PILIVORE

Nos bailes, nos teatros, nos concertos, nos banquetes, em todos os ocasiões em que é de rigor trazer um vestido decotado, o Pilivore é chamado a prestar os maiores serviços às damas que temem nos braços uma paixão muito accentuada.

Uma só aplicação d'este produto basta para fazer desaparecer qualquer traço da paixão e tornar a pele dece, lisa, assentada e áurea branca de neve.

Do seu inventor, 1, rue Jean-Jacques-Rousseau, Paris, e em todas as principais perfumarias de Portugal e da América.

GUERLAIN de PARIS

15, rue de la Paix — ARTIGOS RECOMMENDADOS



Printemps

NOVIDADES

Requisite-se

o catálogo geral ilustrado, em português ou em francês, contendo 580 gravuras (modelos incluídos) para o ESTACAO INVERNO que se remete gratis e franco a quem o pedir em carta devidamente francada e dirigida a

MM. JULES JALUZOT & C°

PARIS

Este Catálogo indica as condições para a expedição dentro de 10 dias em todos os países do mundo.

São igualmente enviados, franco as amostras de todos os tecidos que compõem os imponentes sortimentos do **PRINTEMPS**, espedindo-se bem os gêneros e os preços.

Interpreta-se para todas as Línguas à disposição das pessoas que desejem visitar os Armazéns.

CASA DE REEXPEDIÇÃO EM LISBOA:
TRAVESSA DE S. NICOMAU 103-4.

PERFUMARIA MEDICIS Essencias, sabonetes, perfume, etc., netas, pós, etc.
OGER, 5, boulevard de Strasbourg, Paris.

PARIS

36, RUE MONTMOLIN, 10

GRAND HOTEL DU BRÉSIL ET DU PORTUGAL

No centro de Paris, perto da Ópera, dos principais estabelecimentos de estadas de ferro, dos boulevards e das mais comuns ruas e portuguesas. Este hotel é dirigido pelo proprietário e sua família. É de massas congeadas e perfumado pelos viajantes brasileiros e portugueses, em razão da modicidade de preços e das comodidades que oferece.

PARIS — IMPRENTA: P. MOUILLOT, 3, QUAI VOLTAIRE.

BABO REAL | **VIOLETT** | **BABO**
TRIBRAGE | **TRIBRAGE** | **TRIBRAGE**
Invenções por autoridade médica para a Higiene da Pele e Bálas de Cera.

SUSPENSÓRIOS MILLERET, cintos assem
passadeiras. Le Gouidec, 19, r. J.-J. Rousseau, Paris,

Le Gérant: p. MOUILLOT.

Aqua do Colonia Imperial. — **Superselli**, sabonete de tocador. — **Omeia Brasil** (Mac Brasil). — **Orégano**. — **Crème Marquise** para hidratar a pele. — **Pó de higiene** para higiene cutânea. — **Sabonete cristalizado**, para a cútula barba. — **Aqua Adonis** (marcas **Exclusivas**) para perfumar e limpar a cabeça. — **Maria Christina**, — **Prix Mora**, — **Hamilote do Castro**, — **Heliótopo Brasil**, — **Exposition de Paris**, — **Impérial Russo**, — **Impérial do Brasil**, para o lenço. — **Aqua do Colonia Imperial**. — **Aqua do Cidre** para o toucador. — **Alcoolito do Cachileiro**, para a boca.



Em todos os Perfumistas e Cabelleireiros
de França e do Exterior

A VELOUTINE

24 d'Arres
especial
PREPARADO COM MISTURAS

Por CH. FAYY, Perfumista

8, rue de la Paix, PARIS

ASTHMA E CATARRHO

ASTHMA E CATARRHO Curados com OS CIGARROS ESPICOS
Cigarras, Tonico, Cestiprocôdo, Kewralpa, Em France

Em Portugal e no Brasil. Vendido por grossos, fabricantes de cigarros.

Enviado a Farmácias de Portugal e do Brasil.

Enviado a Farmácias de Portugal e do Brasil.